

Cobrir as alterações climáticas: um guia de boas práticas para jornalistas



Fotografia de Freddy Kearney no Unsplash

MEDIA FOR
FUTURE



Co-funded by
the European Union



Introdução

Este guia faz parte do projeto [Media For Future](#), um programa Erasmus+ financiado pela União Europeia (EU) que visa promover uma maior compreensão entre jornalistas e cientistas climáticos.

As alterações climáticas são um tema difícil de abordar para a maioria dos jornalistas, especialmente quando os recursos das redações são limitados e pode não haver tempo nem dinheiro disponíveis para formação.

É um tópico complexo, de evolução lenta, técnico e, muitas vezes, carece das personalidades e do drama que atraem os meios de comunicação social. No entanto, a sua importância para quase todos os aspetos da sociedade significa que a cobertura das alterações climáticas é uma responsabilidade fundamental da profissão jornalística.

Então, como podem os jornalistas melhorar, reforçar e aprofundar a sua cobertura climática? Este Guia fornece muitas sugestões e recursos, mas, essencialmente, os jornalistas precisam de:

1. certificarem-se de que compreendem os fundamentos da ciência climática;
2. compreender o panorama climático nos seus próprios países (metas de emissões, obrigações, quadros regulamentares, principais intervenientes);
3. saber de onde provêm as emissões no seu país (por exemplo, setores como a energia, os transportes, a agricultura);
4. estar cientes das táticas de negação e adiamento das questões climáticas nos seus próprios contextos e nos debates políticos específicos de cada país.

Uma vez feito este trabalho de base, os jornalistas podem começar a pensar nas melhores formas de contar a história do clima nas suas próprias comunidades. Podem:

1. estar cientes dos seus próprios enquadramentos automáticos, como o emprego e a economia, e questionar se outros enquadramentos (oportunidade, moral) se adequariam melhor numa história;
2. ao escrever sobre o custo das políticas climáticas, incluir também o custo da inação;
3. adotar uma abordagem de jornalismo de soluções, começando pela solução em vez de reiterar o problema;
4. colocar em primeiro plano as histórias humanas e as pessoas, e deixar os dados científicos para mais adiante na reportagem;
5. escrever matérias que apelem aos valores, identidades e cultura dos seus públicos, em vez de simplesmente transmitir informação;
6. tentar, sempre que possível, situar as matérias em comunidades e contextos específicos.

Este guia pode ajudar repórteres, editores, diretores de redação, locutores e gestores de meios de comunicação a refletir mais profundamente sobre a sua cobertura climática. As ideias e recomendações baseiam-se em investigação sobre as alterações climáticas nos meios de comunicação social.

Está organizado da seguinte forma:

Secção 1: O que os jornalistas precisam de saber sobre a ciência do clima;

Secção 2: Como escrever sobre as alterações climáticas;

Secção 3: Desafios que os jornalistas enfrentam ao cobrir o clima;

Secção 4: Recursos para jornalistas;

Secção 5: A-Z dos conceitos-chave;

Autores

Dr. David Robbins, Professor Associado de Jornalismo, Universidade da Cidade de Dublin

Lauren Textor, Mestre em Jornalismo, Universidade da Cidade de Dublin



Reunião do *Media for Future* em Dublin, março de 2026

O que os jornalistas precisam de saber sobre a ciência do clima

Principais pontos a reter desta secção:

- Para ser um jornalista climático de sucesso, deve estar bem versado na linguagem da ciência climática e ter, pelo menos, uma compreensão básica dos termos importantes (consulte o glossário final para obter mais ajuda).
- Nem todos os fenómenos meteorológicos extremos podem ser atribuídos diretamente às alterações climáticas.
- Os sintomas das alterações climáticas incluem a temperatura, o aumento do nível do mar, a acidificação dos oceanos, condições meteorológicas extremas, secas, inundações, incêndios florestais e perda de biodiversidade.

A reportagem sobre o clima requer uma atualização considerável de competências. Felizmente, existem muitos recursos gratuitos disponíveis para jornalistas de todos os níveis de especialização e experiência.

Pode familiarizar-se com **termos importantes** e aumentar a sua literacia informacional com recursos como o **kit de ferramentas da UNESCO** para profissionais dos meios de comunicação social. Também poderá achar útil assistir a palestras sobre como reportar eficazmente acerca das alterações climáticas (como as da **Oxford Climate Journalism Network** e do seu cofundador **Wolfgang Blau**).

Os jornalistas precisam de distinguir notícias reais de desinformação ou informações erradas. Se tiver um elevado **nível de literacia climática**, será mais fácil distinguir o que é real do que não é.

A ciência da atribuição

A **ciência da atribuição** mede o impacto humano no clima da Terra. Modelos climáticos programados por computador quantificam as condições climáticas atuais e comparam-nas com as condições climáticas que existiriam num mundo sem influência humana. Isto permite aos cientistas determinar se (e em que medida) um evento climático extremo foi influenciado pelas alterações climáticas causadas pelo homem.

Sabemos que muitos tipos de fenómenos meteorológicos extremos estão a tornar-se mais frequentes e intensos em muitos locais do mundo. No entanto, isto não se aplica a todos

os tipos de fenómenos meteorológicos em todas as partes do planeta. Todos os fenómenos meteorológicos têm múltiplas causas, e isto deve ser refletido na reportagem. A ciência da atribuição pode ajudar os jornalistas a reportar com maior precisão sobre fenómenos meteorológicos individuais, em vez de fazerem afirmações generalizadas.

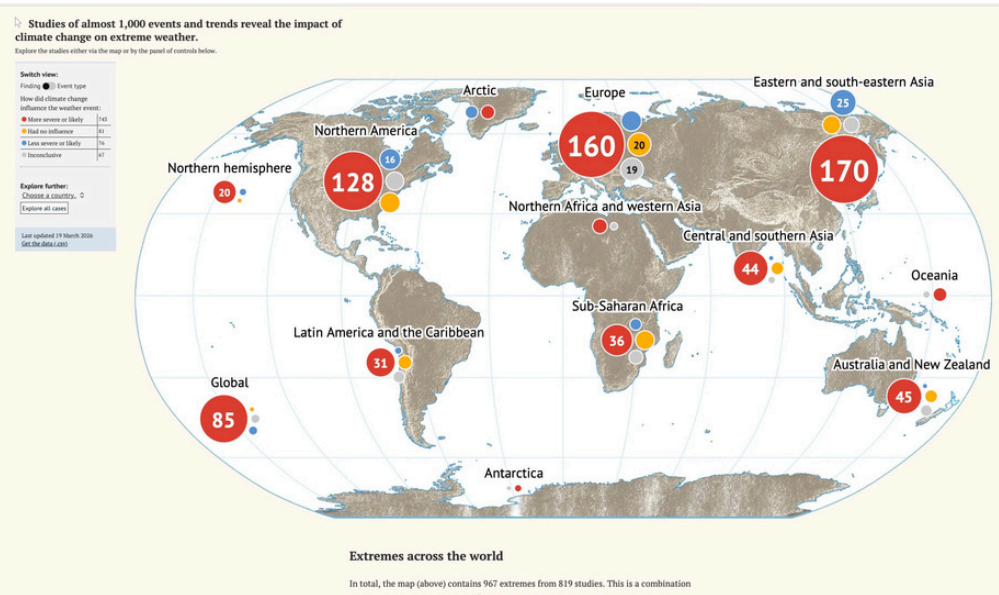
No seu guia sobre **a ciência da atribuição**, a **World Weather Attribution** identifica três erros principais na cobertura de eventos meteorológicos extremos: negligenciar a inclusão do papel das alterações climáticas na causa do evento, atribuir o evento às alterações climáticas sem provas e atribuir a causa de um evento apenas às alterações climáticas.



Fotografia de Markus Spiske no Unsplash

RECURSOS ADICIONAIS:

- Brereton, P., (2022), “Essential Concepts of Environmental Communication: An A to Z Guide”
- UNESCO (2025), “Media and Information Literacy Toolkit”
- Oxford Climate Journalism Network
- Union of Concerned Scientists (2025), “What is Attribution Science?”
- World Weather Attribution (2022), “Reporting Extreme Weather and Climate Change: A Guide for Journalists”



A **Carbon Brief** dispõe de uma **base de dados** sobre estudos de atribuição de fenômenos meteorológicos extremos com centenas de exemplos. Se não conseguir encontrar o fenômeno meteorológico específico sobre o qual está a reportar, procure um semelhante que tenha ocorrido anteriormente. Também pode utilizar **conclusões teóricas** sobre o clima para fundamentar a sua reportagem.

A ciência da atribuição fornece-nos algumas conclusões gerais sobre como as alterações climáticas causadas pelo homem estão a afetar o clima. Por exemplo:

- o calor médio e extremo está a aumentar em todos os continentes, provocando ondas de calor mais intensas em todo o lado;
- as chuvas extremas são mais prováveis e intensas na maior parte do mundo. Isto pode afetar a probabilidade de inundações – mas as inundações são também influenciadas por fatores humanos, como sistemas de drenagem ineficazes e a gestão da água;
- em geral, os ciclones tropicais são mais propensos a serem severos, embora a sua frequência não esteja a aumentar. Ainda não é possível determinar se um ciclone específico foi mais intenso devido às alterações climáticas;
- as ondas de tempestade são mais altas devido às alterações no nível do mar;
- o frio extremo é menos provável e menos intenso em todas as partes do mundo. Não é claro como isto afetou os nevões intensos;
- em alguns locais, as secas estão a tornar-se mais frequentes e severas. Fatores humanos, como a gestão da água, também contribuem para as secas;
- as condições meteorológicas propícias a incêndios são mais

- prováveis em algumas áreas de cada continente. Fatores humanos, como a gestão florestal e a segurança contra incêndios, podem afetar a quantidade e a intensidade dos incêndios.

Impacto das alterações climáticas

Temperatura

As **alterações climáticas** estão a provocar um aumento da temperatura média global. Desde a Revolução Industrial, a utilização generalizada de combustíveis fósseis resultou em níveis elevados de gases com efeito de estufa que retêm calor adicional na atmosfera.

Subida do nível do mar

Estima-se que **o nível do mar** tenha subido entre 20 e 23 centímetros (ou 8 a 9 polegadas) desde 1880. Isto deve-se ao aquecimento dos oceanos. À medida que a água aquece, o seu volume aumenta num processo denominado expansão térmica. A expansão térmica, aliada ao derretimento dos glaciares e das camadas de gelo, está a causar inundações costeiras intensas que danificam tanto os *habitat* ambientais como as infraestruturas humanas.

Acidificação dos oceanos

O oceano é um sumidouro de carbono, o que significa que absorve grandes quantidades de CO₂ libertadas para a atmosfera através da queima de combustíveis fósseis. No entanto, isto está a fazer com que os níveis de pH dos oceanos diminuam. À medida que os oceanos se tornam mais **ácidos**, os seus ecossistemas e a sua cadeia alimentar são perturbados. As espécies podem ter dificuldade em reproduzir-se, construir e manter conchas, encontrar alimento e manter os seus processos internos.

Condições meteorológicas extremas

Embora **não tenha** sido provado que as alterações climáticas causem eventos meteorológicos extremos individualmente, os estudos demonstraram que aumentam a frequência destes eventos e o seu nível de destruição.

As alterações climáticas afetam tanto a precipitação como as temperaturas globais. Um oceano e uma

ADDITIONAL RESOURCES:

- Carbon Brief (atual. 2026), “Mapped: How climate change affects extreme weather around the world”
- IPCC Sixth Assessment (2021), “Report”

- Institute for Environmental Research and Education
- “United Nations Office at Geneva (2024), “What is sea level rise and why does it matter to our future?”

atmosfera mais quentes levam a precipitação mais intensa, o que pode causar inundações e outros desastres. As alterações climáticas também alteram a circulação atmosférica, pelo que os ecossistemas que já tendem a ser húmidos ou secos são levados a extremos (como inundações ou secas).

Secas

Temperaturas mais elevadas significam maior evaporação e condições meteorológicas mais secas. Já existe uma **elevada procura global de água** – não só por parte dos indivíduos, mas também das indústrias (especialmente as indústrias agrícola e da moda). Embora as secas ocorram em todo o mundo, a seca extrema afeta a África mais do que os outros continentes, e os países rendimentos menores têm mais dificuldade em lidar com a situação.

Inundações

A capacidade da atmosfera para reter humidade aumenta com a temperatura do ar, o que leva a chuvas mais intensas. Isto resulta em **inundações** mais frequentes e mais graves. As infraestruturas de drenagem atuais são frequentemente incapazes de lidar com a gravidade das inundações. As estradas e os edifícios podem até impedir que a água da chuva seja absorvida pelo solo, especialmente em áreas urbanas. A desflorestação agrava ainda mais as inundações, uma vez que a vegetação que normalmente absorveria a água da chuva e impediria a erosão foi eliminada.

Incêndios florestais

O fogo pode ser benéfico nos casos de queimadas controladas e **práticas indígenas de fogo**, já que permite o crescimento de nova vegetação e a renovação da terra. No entanto, o aumento das temperaturas, a menor precipitação e a vegetação seca são fatores que contribuem para **épocas de incêndios florestais** mais longas e mais extremas. Os incêndios florestais libertam carbono para a atmosfera, agravando a qualidade do ar e as alterações climáticas.

Perda de biodiversidade

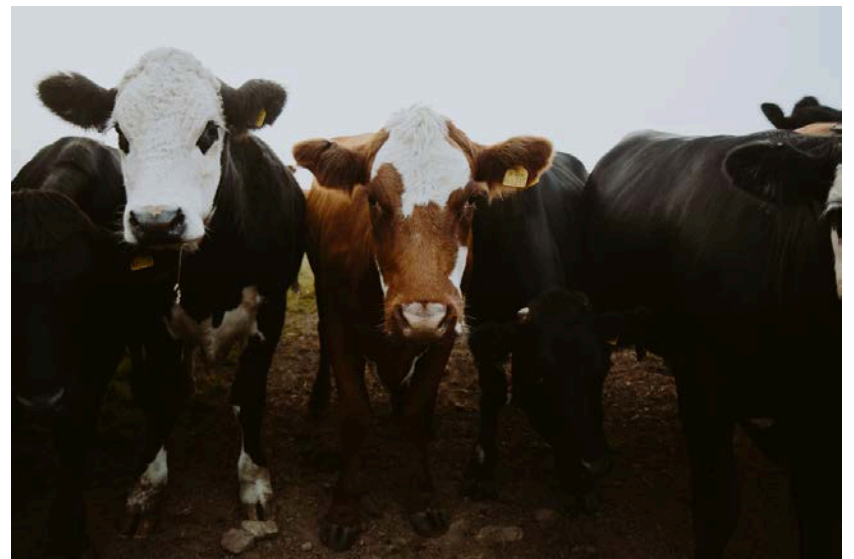
As alterações climáticas provocam mudanças no comportamento dos organismos vivos, na distribuição das espécies, na propagação de espécies invasoras, na perda de

habitat e noutros fatores que contribuem para a perda de biodiversidade. As taxas de extinção estão a acelerar devido à atividade humana, ocorrendo 1000 vezes mais rapidamente do que na era pré-humana.

Lacunas de conhecimento comuns

Pontos-chave desta secção:

- A agricultura requer uma grande quantidade de recursos, particularmente na pecuária.
- As mudanças no estilo de vida individual são muito menos eficazes do que as mudanças políticas ou tecnológicas.
- A evolução das normas de reporte está a aumentar a responsabilização das empresas, exigindo mais transparência.



Fotografia de Antonio Groß no Unsplash

Alimentação e clima

A agricultura é responsável por cerca de ¼ das emissões de gases com efeito de estufa, 70% das captações de água doce e metade da utilização de terras habitáveis do mundo. **As emissões agrícolas de gases com efeito de estufa** provêm do metano libertado pelo gado, do CO₂ resultante da desflorestação para criar terras agrícolas, do transporte de alimentos e do desperdício alimentar, entre outros fatores.

O gado supera em muito os animais selvagens. Como os alimentos de origem animal têm geralmente uma **pegada de carbono** maior do que os alimentos de origem vegetal, **o que comemos** tem um impacto considerável nas nossas emissões. As dietas à base de vegetais contribuem com

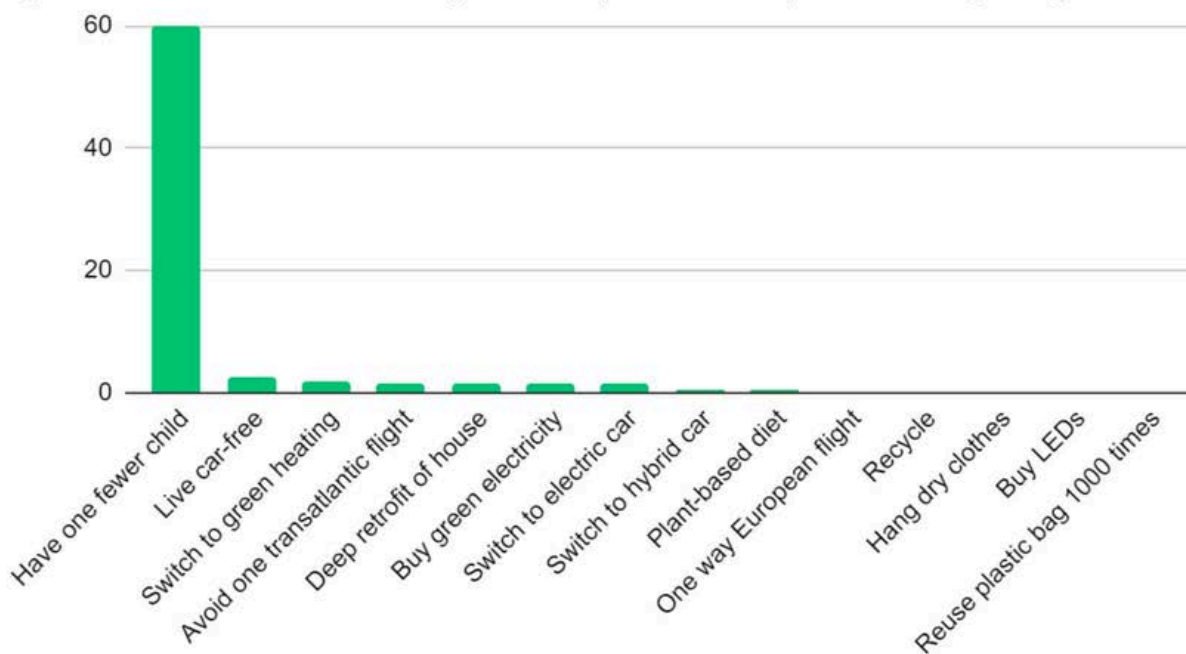
RECURSOS ADICIONAIS:

- Oxfam (s.d.), “Facts about droughts: The causes and impacts”
- IERE (2025), “How is flooding caused by global climate change?”
- International Association of Wildland Fire (s.d.), “Fire stewardship: Upholding Indigenous sovereignty”
- The Nature Conservancy (2025), “Yes, climate change is raising the risks—and stakes—of extreme wildfires”

- Borenstein, S. (2014), “Study: Species go extinct far faster than before”
- Our World in Data (2022), “Environmental Impacts of Food Production”
- “United Nations (s.d.), “Food and climate change: Healthier diets for a healthier planet”
- Our World in Data (2020), “Focus on what you eat, not whether your food is local”

menos emissões de gases com efeito de estufa para a atmosfera.

Figure 2. Tonnes of CO₂ avoided by different personal lifestyle decisions ignoring the effect of government policy



Graph from Founders Pledge

Emissões relacionadas com o estilo de vida

O termo “pegada de carbono” foi **inventado pelas empresas de combustíveis fósseis** para fazer com que os consumidores se sintam culpados pelas suas próprias emissões, em vez de atribuir a culpa aos maiores poluidores. A redução das emissões individuais nunca terá um impacto tão significativo como a alteração de políticas ou tecnologias, mas as mudanças pessoais podem fazer uma diferença significativa se ganharem força em toda a sociedade. **As mudanças mais eficazes** incluem voar menos, seguir uma dieta à base de vegetais, investir em energia verde e viver sem carro (optando, em vez disso, por andar de bicicleta, a pé ou de transportes públicos).

Greenwashing

O **greenwashing** ocorre quando uma empresa ou um produto se promove como amigo do ambiente sem tomar medidas significativas para reduzir o seu impacto ambiental. Por vezes, pode ser difícil distinguir o que é e o que não é greenwashing. Esteja atento a alegações e provas específicas (por exemplo, como um produto pode ser reciclado, de onde provêm as suas peças, etc.).

Diretiva relativa aos relatórios de sustentabilidade das empresas

A **Diretiva relativa à divulgação de informações sobre sustentabilidade das empresas** (Diretiva de Reporte Corporativo de Sustentabilidade / *Corporate Sustainability Disclosure Directive* – CSRD) faz parte do Pacto Ecológico Europeu. As empresas de uma determinada dimensão são obrigadas por lei a divulgar os riscos e oportunidades decorrentes de questões sociais e ambientais, bem como a forma como a sua atividade afeta as pessoas e o ambiente. Esta diretiva visa aumentar a transparência através de relatórios mais precisos e consistentes por parte das empresas.

Metas baseadas na ciência

A **iniciativa de metas baseadas na ciência** fornece normas e ferramentas para ajudar as empresas a reduzir as suas emissões de gases com efeito de estufa, com vista à mitigação das alterações climáticas. Estas **metas** podem ser específicas de um setor ou intersetoriais, bem como de curto prazo ou de emissões líquidas nulas. Uma meta de curto prazo é definida para reduzir as emissões ao longo de cinco a dez anos. As metas de emissões líquidas nulas pretendem reduzir as emissões em, pelo menos, 90% até 2050.

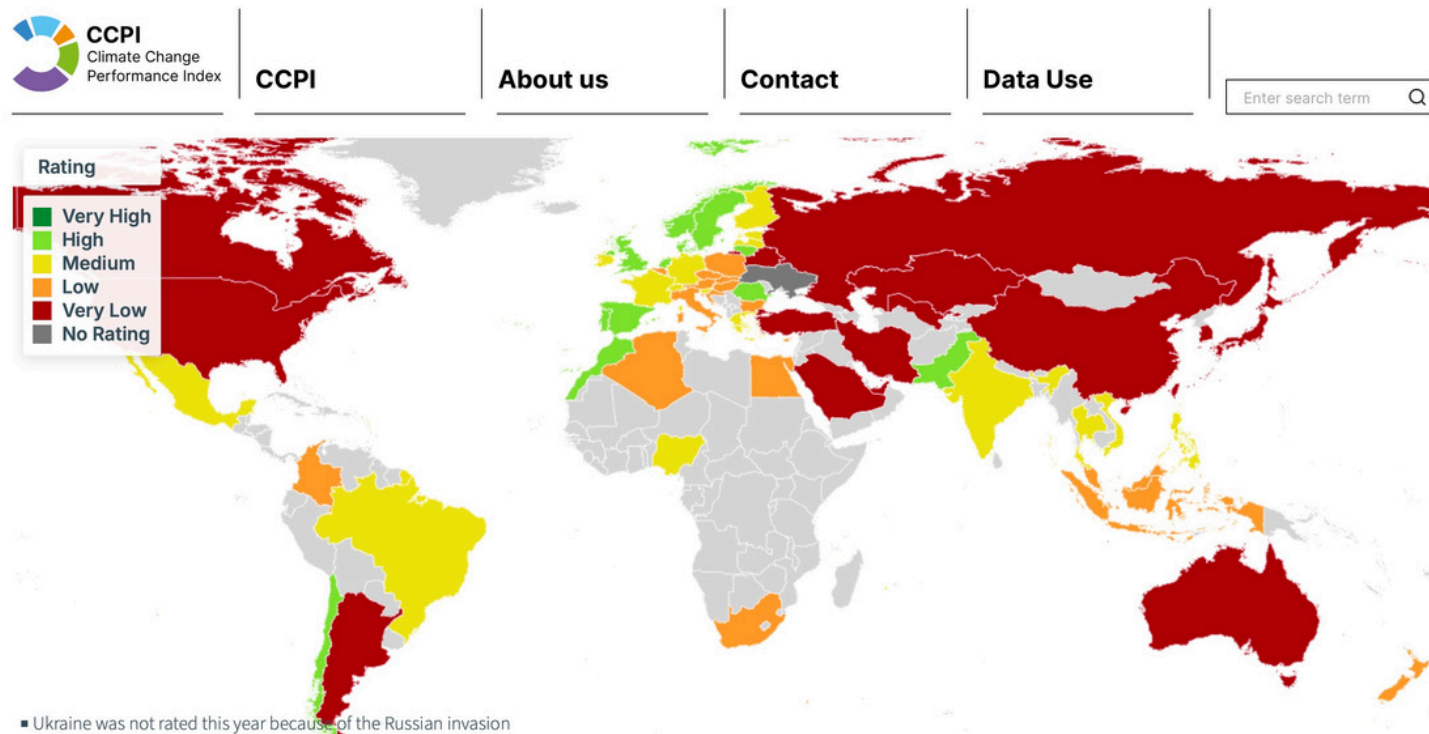
RECURSOS ADICIONAIS:

- Solnit, R. (2021), “Big oil coined ‘carbon footprints’ to blame us for their greed. Keep them on the hook”
- Zeijlmans, S. & RDieleman, R. (2025), “The most important lifestyle changes to tackle climate change”
- Das, L. (2022), “Greenwash: What is it and how not to fall for it”
- European Commission (2025), “Corporate sustainability reporting”
- Science Based Targets (s.d.), “How to set science-based targets”

Compreender a governação climática

Pontos-chave desta secção:

- Existem vários organismos reguladores que acompanham e garantem a responsabilização pelo desempenho em matéria de mitigação climática por país, incluindo as Nações Unidas e a Comissão Europeia.
- As emissões de gases com efeito de estufa estão ligadas a setores específicos da economia (tais como a agricultura, a energia, a indústria, os edifícios e os transportes). Isto é conhecido como emissões setoriais.



Índice de Desempenho das Alterações Climáticas

O **Índice de Desempenho das Alterações Climáticas** (Climate Change Performance Index – CCPI) utiliza quatro categorias para determinar o desempenho climático: Emissões de Gases com Efeito de Estufa, Energias Renováveis, Consumo de Energia e Política Climática. Classifica o desempenho de 63 países e da União Europeia em matéria de mitigação climática. Em conjunto, estas nações são responsáveis por 90% das emissões globais de gases com efeito de estufa. Ao utilizar a secção de política climática do CCPI, podemos acompanhar os progressos que os países têm feito no sentido de alcançar os objetivos estabelecidos no **Acordo de Paris** de 2015.

Acordos da Organização das Nações Unidas (ONU)

Em 1992, 197 países aderiram à Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas (United Nations Framework Convention on Climate Change – UNFCCC), um tratado que visa estabilizar as emissões globais de gases com efeito de estufa. A Conferência das Partes (COP) é a cimeira climática das Nações Unidas. A COP reúne-se todos os anos, a menos que as partes envolvidas decidam de outra forma. Durante estas reuniões, representantes de cada governo apresentam relatórios de progresso, estabelecem metas e negociam políticas.

O **Protocolo de Quioto** foi então adotado por 192 países em 1997, mas só entrou em vigor em 2005. Este protocolo concretiza a UNFCCC e compromete as nações desenvolvidas e industrializadas a limitar e reduzir as emissões de gases com efeito de estufa. A **Emenda de Doha** continha atualizações ao Protocolo de Quioto e constituiu um período de compromisso secundário que durou de 2013 a 2020.

• RECURSOS ADICIONAIS:

- Climate Change Performance Index (2026), “Climate Change Performance Index 2026 report”
- agências governamentais responsáveis pelo ambiente, pelo clima e pelas condições meteorológicas
- Nações Unidas, UNFCCC (s.d.), “The Paris Agreement”
- Nações Unidas, UNFCCC (s.d.), “The Kyoto Protocol”
- Nações Unidas, UNFCCC (s.d.), “The Doha Agreement”

O **Acordo de Paris** foi adotado na COP21, realizada em Paris, França, em 2015. O seu objetivo principal é limitar o aumento da temperatura média global a 1,5º C acima dos níveis pré-industriais. Existem 194 signatários no Acordo de Paris (193 países mais a União Europeia), os quais definem nacionalmente determinadas metas obrigatórias. Estas especificam como cada signatário pretendem reduzir as emissões de gases com efeito de estufa e adaptar-se aos efeitos das alterações climáticas.

Emissões setoriais

Este termo refere-se às emissões de gases com efeito de estufa associadas a **setores específicos** da economia (tais como a agricultura, a energia, a indústria, os edifícios e os transportes). Cada setor tem diferentes fontes primárias responsáveis pelas suas emissões. Por exemplo, os meios de transporte (automóveis, comboios, aviões, etc.) libertam CO₂ através da queima de combustíveis fósseis.

Quando especificamos as emissões setoriais, podemos conceber e implementar soluções com maior impacto. Isto pode traduzir-se num aumento do investimento nos transportes públicos, na adoção de projetos de edifícios ecológicos ou na transição para energias renováveis em vez de combustíveis fósseis.

Pode utilizar o **Climate Action Tracker** para acompanhar os indicadores de referência de quatro dos principais setores (transportes, edifícios, energia e indústria) e comparar as emissões com as metas estabelecidas no Acordo de Paris. O Our World in Data reúne dados sobre **as emissões de gases com efeito de estufa** por país e **as emissões de CO₂** por setor e país.

Ranking

1st	
2nd	
3rd	
4. Denmark —	80.52
5. United Kingdom △	70.80
6. Morocco △	70.75
7. Chile △	70.63
8. Luxembourg △	70.45
9. Lithuania △	70.30
10. Netherlands ▽	67.27
11. Norway ▽*	66.83
12. Portugal △	66.05
13. Sweden ▽	64.91
14. Spain △	64.62
15. Pakistan △	64.43
16. Romania △	64.33
17. Nigeria △*	63.33
18. Estonia ▽	63.08
19. Philippines ▽	62.78

23degrees | re-use this table

© Germanwatch 2025

ECURSOS ADICIONAIS:

- Energy Sustainability Directory (2025), “Sectoral Emissions”
- Climate Action Tracker
- Our World in Data (2024), “Annual Greenhouse Gas Emissions”
- European Commission (2025), “Governance of the Energy Union and Climate Action”
-

Governança da União Europeia

O **Regulamento relativo à Governança da União da Energia e da Ação Climática** exige que os Estados-Membros da UE elaborem Planos Nacionais de Energia e Clima a 10 anos para alcançar os seus objetivos energéticos e climáticos. A Comissão Europeia analisa o projeto de cada país e, em seguida, formula recomendações, após o que os países têm de rever os seus planos. Cada país tem também de apresentar estratégias nacionais de longo prazo que sejam coerentes com os seus projetos de planos.

A UE tem igualmente a obrigação de respeitar as normas estabelecidas no Acordo de Paris e na Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas.

Índice de Vulnerabilidade Climática

O **Índice de Vulnerabilidade Climática** avalia a exposição e a sensibilidade de vários locais do Património Mundial em todo o mundo às alterações climáticas. Um local é declarado Património Mundial com base no seu Valor Universal Excecional. O **Índice** mede o impacto potencial do clima e a capacidade de adaptação. Inclui também uma componente de Vulnerabilidade Comunitária, que se baseia nas dependências económicas, sociais e culturais do local.

Impactos climáticos locais

O seu próprio governo provavelmente terá recursos sobre os serviços climáticos locais e regionais, como **este** publicado pela Irlanda. Os governos podem exigir que as autoridades locais implementem planos de ação climática que sejam consistentes com as diretivas nacionais e internacionais.

Fim da Secção 1

Secção 1: Lista de verificação dos resultados de aprendizagem

- Aplicar com precisão os princípios da ciência da atribuição a eventos meteorológicos extremos.
- Compreender e identificar os sintomas das alterações climáticas.
- Determinar quais as iniciativas, políticas e objetivos que pertencem a que organismos reguladores do clima.
- Reconhecer os sinais de *greenwashing*.
- Comparar os requisitos e o progresso das diretivas climáticas para empresas ou países.

RECURSOS ADICIONAIS:

- Energy Sustainability Directory (2025), “Sectoral Emissions”
- Climate Action Tracker
- Our World in Data (2024), “Annual Greenhouse Gas Emissions”
- European Commission (2025), “Governance of the Energy Union and Climate Action”

Secção 2: Escrever sobre as alterações climáticas

Principais pontos a reter desta secção:

- As pessoas que já sofrem de desvantagens instituídas são mais gravemente afetadas pelas alterações climáticas.
- Uma cobertura climática justa e equitativa demonstrará como o clima está a afetar todos os grupos de pessoas, incluindo pessoas com deficiência, pessoas que vivem no Sul Global e pessoas de cor. As pessoas reagem ao jornalismo climático de maneiras diferentes, dependendo das suas convicções políticas, nível de escolaridade e contexto socioeconómico, entre outros fatores.

Compreender a interseccionalidade e as alterações climáticas

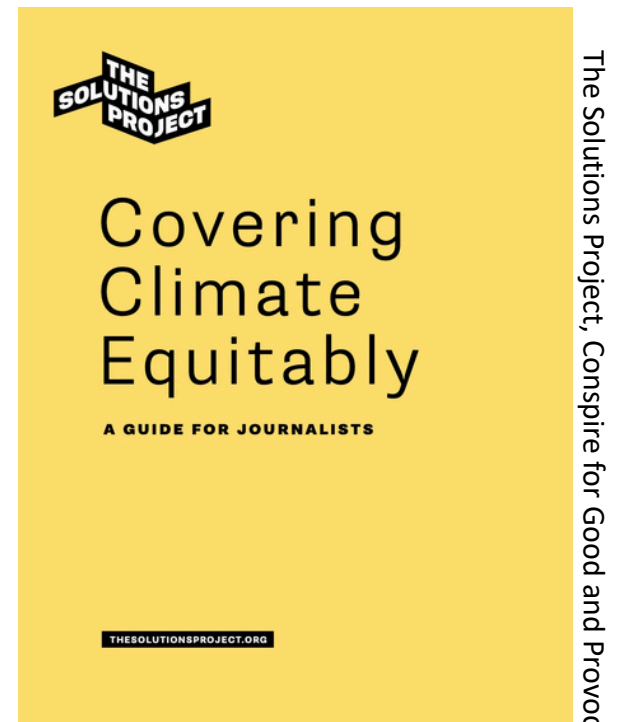
Todas as pessoas são afetadas pelas alterações climáticas, mas alguns grupos enfrentam consequências mais graves e imediatas do que outros.

As alterações climáticas multiplicam a opressão. Algumas pessoas já se encontram em desvantagens instituídas devido ao seu estatuto socioeconómico, raça, localização geográfica, género, sexualidade, idade ou outros fatores. As alterações climáticas tornam as suas vidas quotidianas ainda mais difíceis.

Por exemplo, quem vive na pobreza tem menos capacidade para se adaptar ao aquecimento global. Pode enfrentar uma taxa mais elevada de problemas de saúde relacionados com o calor durante um verão de temperaturas recorde, porque não tem acesso a ar condicionado ou a ventilação adequada.

Nos EUA, as pessoas de cor estão expostas, em média, a **níveis** muito **mais elevados de poluição atmosférica** do que as pessoas brancas, independentemente do rendimento familiar ou das regiões em que vivem. Devido ao racismo institucionalizado e a práticas discriminatórias, como a **discriminação no acesso ao crédito imobiliário**, as alterações climáticas afetam-nas mais do que os seus pares brancos.

As alterações climáticas têm também um **impacto desproporcional** nas pessoas portadoras de deficiência, devido à maior exposição e sensibilidade aos riscos climáticos e à menor capacidade de adaptação. Por exemplo, as pessoas



com lesões na medula espinhal podem ter dificuldade em regular a temperatura corporal, o que as deixa em alto risco de doenças relacionadas com o calor durante uma onda de calor.

Os povos indígenas de todo o mundo são líderes **na ação climática**, mas o seu trabalho é frequentemente subvalorizado. A gestão indígena é essencial para a mitigação climática e a manutenção da integridade ecológica. No entanto, ao longo da história, governos, empresas e indivíduos ricos têm **usurpado terras ancestrais** dos grupos indígenas. A campanha global **Land Back** visa devolver essas terras aos povos originários.

A **interseccionalidade** é um conceito utilizado para compreender como os sistemas de opressão (como o racismo, o sexismo e a homofobia) interagem para reforçar as dinâmicas de poder. Aprender sobre a interseccionalidade pode fortalecer a sua reportagem e torná-la mais acessível a um público mais vasto. Muitos guias de estilo (incluindo o **AP Stylebook**) sugerem geralmente a utilização de **uma linguagem que coloque a pessoa em primeiro lugar**, o que significa enfatizar a individualidade de cada pessoa em vez dos seus atributos pessoais (como raça, idade ou deficiência). Para saber mais sobre a cobertura equitativa das questões climáticas, consulte **o guia do The Solution Project** sobre o tema.

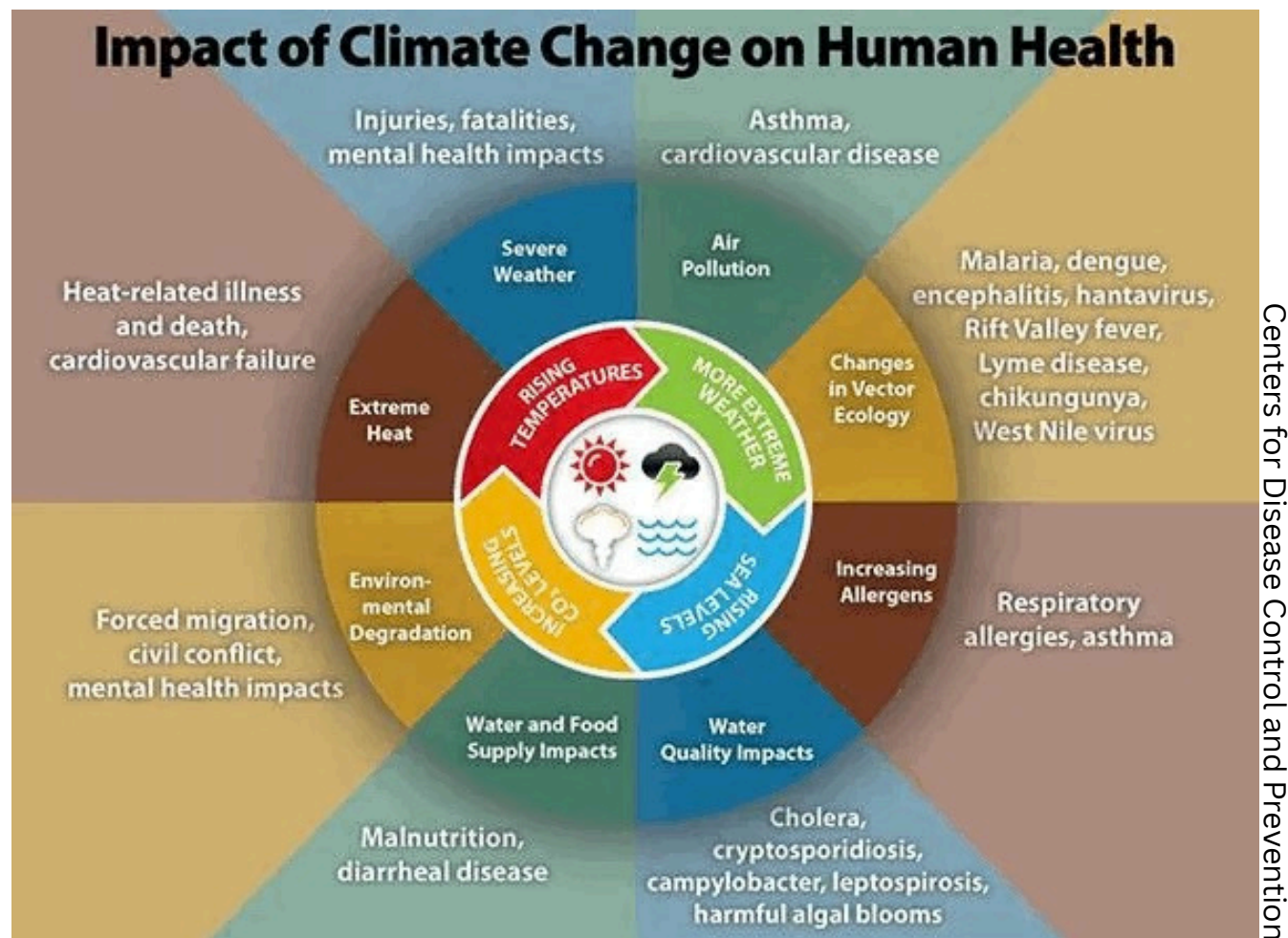
RECURSOS ADICIONAIS:

- Lloyd, R. (s.d.), "People of color breathe more unhealthy air from nearly all polluting sources"
- Yale Sustainability (2022), "Yale experts explain intersectionality and climate change"
- Bureau of Internet Accessibility (2023), "What is 'people-first language' and why is it important?"
- Greywolf, D. (2025), "The Land Back Movement"
- Kim, S. et al. (2026), "Leave no one behind: a call to include people with disabilities in climate change and health research"

Como as alterações climáticas afetam a saúde humana

Pontos-chave desta secção:

- As alterações climáticas afetam tanto a saúde física como a mental, com problemas que vão desde a desnutrição até à depressão.



O clima tem **impactos diretos e indiretos** na nossa saúde. Os fenómenos meteorológicos extremos, intensificados pelas alterações climáticas, têm impactos diretos e imediatos, como destruição em massa, ferimentos e até mesmo a morte. Mas as alterações climáticas também afetam a nossa saúde mental, a disponibilidade de alimentos e água potável, a qualidade do ar e a propagação de doenças.

Prevê-se que as taxas de doenças transmitidas pela água aumentem devido à sua escassez e à poluição. À medida que a população continua a crescer, a procura por água doce crescerá com ela, mesmo que as alterações climáticas tornem a água potável (e os alimentos nutritivos) **menos disponíveis**.

O aquecimento do clima facilitará a propagação de algumas espécies portadoras de doenças infecciosas, incluindo os mosquitos. Regiões que anteriormente eram inabitáveis ou desfavoráveis para estas espécies terão agora de encontrar uma forma de lidar com elas.

As alterações climáticas têm sido associadas a problemas de saúde adicionais, incluindo doenças cardíacas (causadas por calor extremo ou má qualidade do ar), doenças respiratórias (resultantes da poluição atmosférica), insegurança alimentar (agravada por alterações na precipitação) e riscos para a saúde mental (ampliados pelo impacto do clima na habitação, no emprego, nos conflitos e na migração).

RECURSOS ADICIONAIS:

- [World Health Organization \(2023\)](#), "Climate change"
- [UCAR Center for Science Education \(s.d.\)](#), "Changing climate, changing water availability and human health"

Tenha em conta o seu público

Pontos-chave desta secção:

- Depois de identificar o seu público, será mais fácil determinar um ângulo, uma narrativa e um enquadramento que o envolvam.



Pense em quem está a tentar alcançar, se têm conhecimentos sobre o clima e como o seu público-alvo reagiu ao jornalismo ou à investigação sobre o clima no passado.

O estudo *Global Warming's Six Americas*, do **Programa de Comunicação sobre Alterações Climáticas de Yale**, identificou seis públicos-alvo para a narrativa climática dentro do público americano em geral. São eles:

- os Alarmados – são pessoas que já acreditam que as alterações climáticas são reais e causadas pelos seres humanos. Apoiam as políticas climáticas, mas muitas vezes não sabem ao certo que outras medidas tomar para a mitigação climática;
- os Preocupados – são semelhantes aos Alarmados, mas geralmente não dão tanta prioridade às questões climáticas, porque as veem como um problema mais distante;
- os Cautelosos – ainda não decidiram em que acreditar;
- os Desligados – não sabem muito sobre as alterações climáticas e não consomem meios de comunicação relevantes para o tema;
- os Céticos – ou não acreditam nas alterações climáticas, ou não acreditam que sejam causadas pelo homem;
- os Desdenhosos – não acreditam que as alterações climáticas sejam reais e, frequentemente, envolvem-se em teorias da conspiração, tratando-as como uma farsa.

Identificar o seu público irá ajudá-lo a decidir o ângulo, a narrativa, o enquadramento e as fontes adicionais da sua história.

RECURSOS ADICIONAIS:

- *Podcast Question of the Week* (2022), “How do I talk to a climate change denier?”
- Thomas, M. & Silva, M. (2022), “Climate change: How to talk to a denier”

De um modo geral, sugerimos que se dê ênfase a narrativas pessoais, a pessoas envolvidas ou afetadas pelas alterações climáticas e à forma como estas se relacionam com outros temas (como a saúde ou a habitação). O público está frequentemente interessado em saber como uma questão irá afetá-lo a ele próprio, aos seus entes queridos e às suas comunidades.

No entanto, a sua reportagem poderá, por vezes, ser mais centrada em políticas ou na política. Estas reportagens podem parecer por vezes aborrecidas, mas mesmo que não atraiam um público mais vasto, são importantes para estabelecer um registo contínuo. Por exemplo, alguém poderá precisar de saber como uma política foi promulgada ou quando uma empresa comprou um terreno. Essa informação deve estar acessível a todos.

As alterações climáticas afetam-nos a todos. Por isso certifique-se de colaborar com um conjunto diversificado de vozes sobre o tema. Fale com cientistas, agricultores, ativistas, empresários locais, decisores políticos, vizinhos e qualquer outra pessoa que tenha uma ligação pessoal com a questão específica que está a cobrir.

Pode capacitar ainda mais o seu público, dando dicas práticas sobre como as pessoas podem agir. Destaque organizações locais e pessoas que estejam a organizar eventos relacionados com o clima, como limpezas de lixo, trocas de roupa, palestras ambientais e muito outros.

Se precisar de fontes na primeira pessoa sobre uma questão específica, entre em contacto com cientistas climáticos para saber mais sobre as suas áreas de especialização. (Pode utilizar a [base de dados de especialistas](#) do *Media for Future* para isso.)

Procure histórias sobre o clima

Pontos-chave desta secção:

- Ao procurar histórias sobre o clima, utilize fontes variadas, como redes sociais, revistas académicas, relatos na primeira pessoa e outros meios de comunicação.

Utilize uma variedade alargada de fontes para a sua pesquisa: redes sociais, revistas académicas, relatos na primeira pessoa e outros editores de notícias podem todos conduzi-lo a histórias que valem a pena.

Ao procurar notícias ou fontes nas redes sociais, tenha em mente que o algoritmo irá destacar algumas vozes em detrimento de outras. Utilize mais do que uma plataforma e tenha cuidado com a desinformação.

Preste atenção aos artigos científicos recém-publicados. Considere subscrever revistas académicas, especialmente as publicadas por organizações nacionais. Por exemplo, o [Centro Nacional de Dados sobre Biodiversidade](#) da Irlanda tem uma [publicação semestral](#), e o seu serviço meteorológico nacional, [Met Éireann](#), possui uma [coleção de artigos científicos](#) que são revistos por pares.

À medida que for aprofundando o tema do clima, terá acesso a fontes que o poderão orientar para histórias que, de outra forma, poderiam passar despercebidas.



RECURSOS ADICIONAIS:

- Base de dados de peritos do projeto Media for Future
- *Nature Climate Change*
- [Climate Analytics](#)
- PLOS Climate
- Oxford Open Climate Change
- Climate Change Performance Index 2026 report

Enquadrar e contar histórias positivas sobre o clima

Pontos-chave desta secção:

- O enquadramento é a forma como uma história é apresentada ao público. Os enquadramentos narrativos mais comuns sobre o clima são a emergência, a responsabilidade, a esperança e a solidariedade.

O **enquadramento** é a forma como uma história é apresentada ao público. Por exemplo, a transição dos combustíveis fósseis para as energias renováveis pode ser apresentada num enquadramento de “crise” ou de “oportunidade”, dependendo da forma como o tema é descrito. Uma narrativa positiva e orientada para soluções pode alterar a perceção dos leitores sobre uma questão.

De acordo com **a investigação da Framing Climate Justice**, uma narrativa eficaz deve enfatizar a solidariedade com os mais afetados pelas alterações climáticas, não se basear demasiado no enquadramento de emergência, apelar à autodeterminação ao discutir o envolvimento dos grupos afetados e introduzir conceitos económicos nos enquadramentos através do uso de metáforas.

Essa investigação estabeleceu que a maioria das pessoas está ciente da gravidade das alterações climáticas. A maioria também concorda que o sistema atual não está a funcionar, que as empresas e os governos são os principais responsáveis pelas alterações climáticas e que os menos responsáveis são os que mais sofrem.

Os enquadramentos narrativos comuns sobre o clima são a emergência, a responsabilidade, a esperança e a solidariedade.

Palavras como “crise”, “catástrofe” e “urgente” acompanham frequentemente histórias enquadradas como emergências. Estes enquadramentos evocam uma sensação de fatalidade. Embora possam ser eficazes para levar as pessoas a responsabilizar as empresas e os governos pelas questões climáticas, também podem promover atitudes derrotistas. **Estudos** sugerem que o enquadramento de emergência pode levar o público a confiar fortemente numa abordagem imposta de cima para baixo por parte dos especialistas e a afirmar que as alterações climáticas não têm impacto nas injustiças existentes.

As abordagens baseadas na solidariedade suscitaram maior esperança quanto à obtenção de soluções nos próximos 20 anos e levaram a maioria das pessoas a concordar que as populações afetadas pelas alterações climáticas devem desempenhar um papel mais importante na criação de soluções.

What the Research Tells Us

Avoid crisis framing.

Climate change is urgent, but research shows that leaning on crisis language actually leads people to feel overwhelmed and to disengage. Balance urgency with efficacy by highlighting real solutions.

Maximize your metaphors.

Translate the basic mechanism of climate change by explaining that burning fossil fuels releases excess carbon dioxide, which builds up like a heat-trapping blanket in our atmosphere, disrupting nature's delicate balance.

Keep people in the picture.

Don't rely solely on stories about harm to iconic animals or their ecosystems. Also talk about the ways that a disrupted climate system is harming human health and wellbeing.

FrameWorks Institute

ADDITIONAL RESOURCES:

- FrameWorks Institute (2020), “Climate Stories That Work”
- Framing Climate Justice (2010-2020), “Framing Climate Justice project”
- [Public Administration Institute](#) (2025), “Media Framing: How Stories Shape Perceptions and Interpretations”
- [Media Studies](#) (s.d.), “What is media framing?”

As pessoas preocupadas com a crise climática valorizam frequentemente o coletivo universal, a autodeterminação e a segurança nacional.

O coletivo universal somos todos nós que vivemos na Terra. Todos merecemos viver vidas saudáveis, num planeta saudável.

A autodeterminação significa que os grupos e os indivíduos devem ter a oportunidade de tomar decisões por si próprios no que diz respeito à gestão ambiental. Isto é especialmente relevante no caso dos povos indígenas e das pessoas que vivem no Sul Global. Estes grupos contribuem frequentemente menos para as alterações climáticas, mas são os mais afetados por elas e têm menos influência sobre as empresas e os governos ricos.

As pessoas querem viver num país seguro e estável – esse é o valor da segurança nacional.



Ekō.org

Podemos usar o enquadramento para contar histórias climáticas positivas e orientadas para soluções. O público pode sentir fadiga climática, ou esgotamento por ouvir constantemente notícias climáticas negativas em grande escala. Isto pode levá-lo a desligar-se, em vez de absorver notícias que parecem assustadoras e sem esperança. É por isso que escolher o enquadramento adequado é tão importante.

Depois de estabelecer o seu enquadramento, deve identificar como a sua história se insere no panorama geral das alterações climáticas. Se estiver a escrever um artigo sobre inundações locais, pode decidir relacioná-lo com inundações semelhantes na Tailândia ou noutra local do mundo.

Se estiver a escrever sobre comunidades com as quais está menos familiarizado, poderá achar útil recorrer a um recurso como o *A Progressive's Style Guide*, que identifica uma linguagem acessível e inclusiva.

É também importante utilizar uma abordagem direta, em vez de depender demasiado de **jargão científico** que possa confundir o seu público.

Por fim, esclareça como as pessoas podem agir, seja através de doações, voluntariado ou de alguma outra forma de contribuição.

Se precisar de mais ajuda, consulte o *website* **350.org**. Este oferece um **kit de ferramentas de narrativa digital** com cobertura em quatro áreas: narrativa pessoal, narrativa de campanha, reportagem digital e narrativa comunitária. A **Solutions Journalism Network** também dispõe de uma formação abrangente sobre reportagem de soluções, com um programa desenvolvido especificamente para **o jornalismo climático**.

RECURSOS ADICIONAIS:

- The Solutions Project (s.d.), “Covering Climate Equitably”
- Indigenous Climate Action
- United Nations (2025), “State of the World’s Indigenous Peoples”

Jornalismo de soluções

Pontos-chave desta secção:

- O jornalismo de soluções examina um problema, bem como a forma como este pode ser resolvido. Este tipo de narrativa é adequado à crise climática devido às suas nuances.

Este método de jornalismo consiste numa investigação de um problema e numa resposta sobre como esse problema pode ser resolvido. O reportagem de soluções deve também incluir uma visão mais aprofundada sobre a resposta (como, por exemplo, de que forma pode beneficiar o público), evidências da sua eficácia e das suas potenciais limitações.

O jornalismo de soluções também tem a ver com rejeitar preconceitos, dar voz às comunidades, reduzir a polarização e resolver conflitos. Trata-se de nuances, em vez de sensacionalismo.

A **Solutions Journalism Network** (SJN) é uma organização sem fins lucrativos que apoia reportagens de alta qualidade com ênfase na resolução de problemas. Oferece programas *online* e **kits de ferramentas** baseados em vários tópicos diferentes, incluindo **as alterações climáticas**.

A SJN dispõe também de um “**story tracker**” que regista exemplos de jornalismo de soluções provenientes de órgãos de comunicação social de todo o mundo.

Fim da Secção 2

Secção 2: Lista de verificação dos resultados de aprendizagem

- Dar exemplos de como as alterações climáticas multiplicam a opressão.
- Definir interseccionalidade e explicar como esta se relaciona com o clima.
- Descrever como as alterações climáticas afetam direta e indiretamente a saúde humana.
- Identificar o seu público-alvo principal e debater estratégias de envolvimento.
- Reconhecer os enquadramentos utilizados em diferentes artigos sobre o clima e como o enquadramento influencia a apresentação da informação.
- Avaliar os artigos publicados no **arquivo de notícias** da Solutions Journalism Network e a sua eficácia.

RECURSOS ADICIONAIS:

- Journalism University (2026). “What is solutions journalism? A guide to evidence-based reporting”
- Nowakowski, T. (2024). “Not just more bad news: What is solutions journalism?”
- Solutions Journalism Network (2022). “What is solutions journalism and why should you care?”

Secção 3: Desafios que os jornalistas enfrentam

Principais pontos a reter desta secção:

- ao falar com um negacionista climático, tente compreender o seu ponto de vista individual e os padrões do seu argumento;
- colabore com outros membros da sua redação para distribuir cobertura climática tanto sobre políticas como baseada na comunidade. Acompanhe os indicadores de desempenho e compare a sua cobertura com a de outras fontes de notícias;
- envolva o público com uma cobertura criativa e abrangente de eventos e fontes diversificados;
- trabalhe com cientistas para produzir reportagens mais precisas;
- esteja atento à sua saúde mental e ao impacto que este tipo de reportagem pode ter.

Verificação de factos

Especialmente à medida que o uso da Inteligência Artificial se torna mais comum, pode ser difícil distinguir o que é real do que não é, mesmo para jornalistas. [A Reuters](#), [a Rede Internacional de Verificação de Factos da Poynter](#), [a Full Fact](#) e [o Snopes](#) são excelentes recursos para fazer a verificação de factos.

Pode também procurar artigos científicos revistos por pares ou outras notícias que façam referência a agências ambientais de renome. Por exemplo, a [Administração Nacional Oceânica e Atmosférica \(NOAA\)](#), a [Organização Meteorológica Mundial \(OMM\)](#), o [Painel Intergovernamental sobre as Alterações Climáticas \(IPCC\)](#), a [World Weather Attribution](#) e a sua própria agência ambiental nacional oferecem informações fiáveis sobre o clima.

Extreme weather attribution study tracker

● Heatwave ● Extreme rainfall ● Drought ● Storm ● Wildfire ● Cold spell

Region Event type



Negacionistas climáticos e reações negativas

Existem muitas razões pelas quais uma pessoa pode não acreditar nas alterações climáticas. Talvez esteja a seguir as orientações de um movimento ou líder político, ou pense que o aquecimento global foi exagerado para beneficiar a agenda da oposição. Cada pessoa é única. Por isso, tente perceber o que motiva a negação das alterações climáticas e onde a sua perspetiva tem origem.

O *podcast Question of the Week* da Universidade de Boston tem um **segmento** sobre como falar com negacionistas climáticos. O *website Rare.org* também tem um **artigo** útil sobre o tema. Ambas as fontes sugerem abordar os valores de um negacionista climático e usar narrativas pessoais e com as quais se possa identificar para humanizar o problema. Pode ser difícil para alguém aceitar que as secas cada vez mais graves são causadas pelas alterações climáticas, mas talvez aceite mais facilmente que as secas estão a afetar cada vez mais os agricultores locais.

Se houver uma informação errada específica que esteja a abordar (por exemplo, que **os veículos elétricos são piores para o ambiente do que os carros com motores de combustão interna**), então desmonte o argumento parte por parte. Recorra a um **website de verificação de factos**, se necessário, ou a fontes em que o seu público já confia, como, por exemplo, a equipa local de notícias. Personalize o argumento de acordo com eles e com aquilo que lhes interessa. Talvez o ambiente não seja a sua principal prioridade, mas sim a economia, a família ou o orgulho nacional.

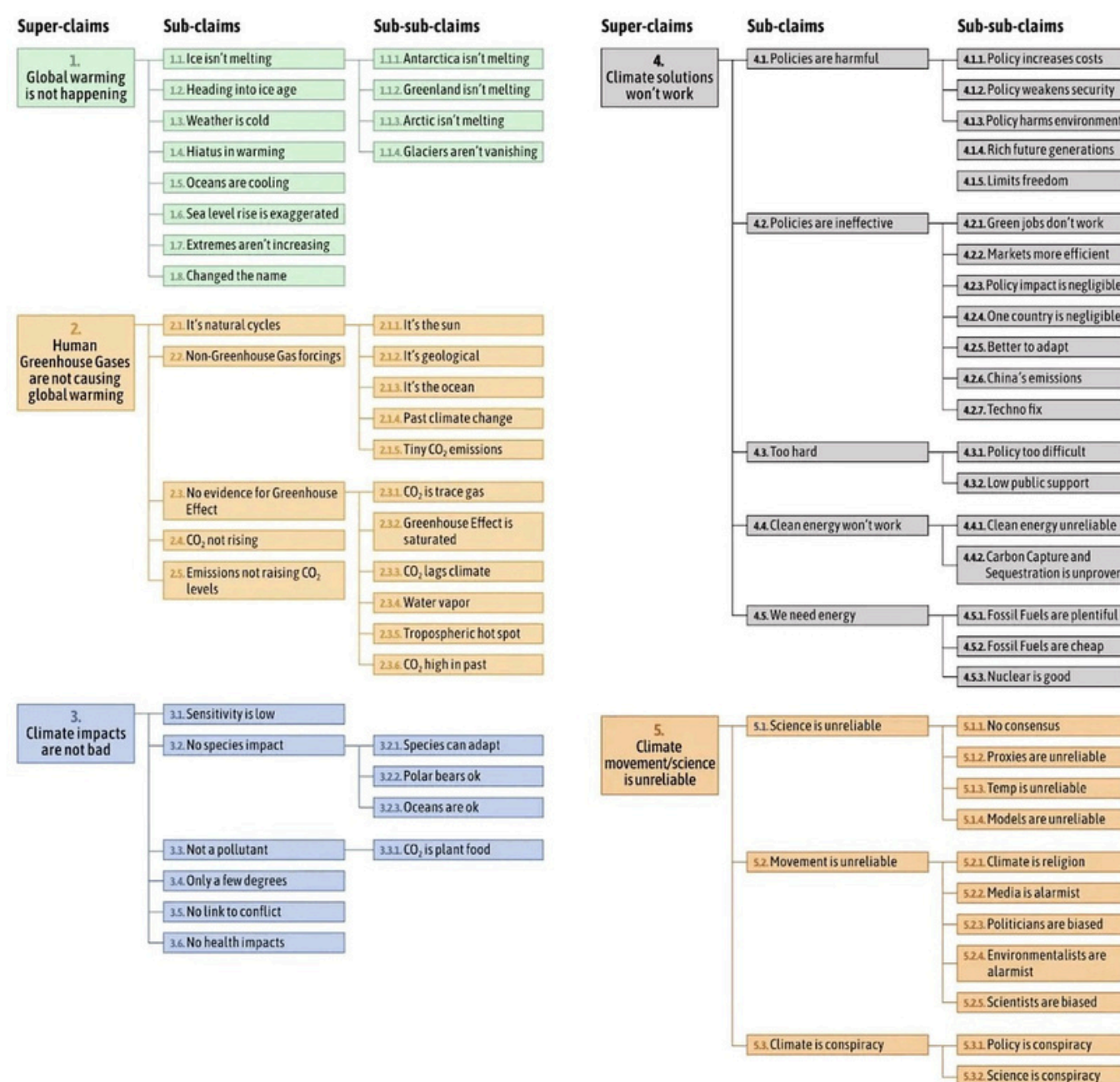


Figure 1. Taxonomy of claims made by contrarians. This figure displays the three layers of claim-making by climate change contrarian actors. The original version of this taxonomy with more detailed claim descriptions can be found in Supplementary Table S2.

Se conseguir reconhecer padrões nos argumentos de negação das alterações climáticas, poderá praticar a criação de uma resposta eficaz com base nas alegações específicas de cada indivíduo. **Este estudo** da Nature sobre o negacionismo climático analisa os argumentos comuns dos negacionistas das alterações climáticas.

[Coan, T. G., Boussalis, C., Cook, J., & Nanko, M. O. \(2021\).](#)

“Computer-assisted classification of contrarian claims about climate change”

Envolvimento da redação

A cobertura consistente sobre o clima pode ser complicada, especialmente porque as redações têm recursos limitados. Mas, ao reportar sobre as discussões e ações legislativas do dia-a-dia, pode fornecer contexto para as principais decisões governamentais. A cobertura mais prosaica e técnica não vai agradar a toda a gente. No entanto, as notícias sobre políticas são tão importantes quanto as histórias da comunidade

Envolvimento do público

As histórias sobre o clima são frequentemente acompanhadas pelas mesmas imagens de incêndios florestais, ursos polares, moinhos de vento e calotas polares a derreter. Títulos e fotografias excessivamente semelhantes podem fazer com que o público se desligue. Seja criativo e utilize fotografias e linguagem específicas para o tema, localização e impacto.

Utilize fontes variadas para manter a narrativa atualizada. Não confie sempre nos mesmos especialistas ou ativistas. (Mais uma vez, é aqui que a **base de dados de especialistas** do *Media for Future* pode ser útil!)

Operações

Se ainda não existe uma secção dedicada ao clima na sua redação, considere criar um centro virtual para que os membros da equipa interessados possam discutir sobre o clima, aprender uns com os outros e adicionar perspetivas climáticas aos seus artigos. O jornalista [Wolfgang Blau](#) discute esta ideia e outras formas de reorganizar as redações na sua **série de palestras**.

Acompanhe os indicadores de desempenho. Isto irá ajudá-lo a perceber quais os ângulos mais eficazes e como o público reage.

O **Local Storytelling Exchange** recolhe histórias de toda a Grã-Bretanha sobre a transição verde, e o seu *website* tem centenas de exemplos de artigos sobre o clima. Consulte o mapa de histórias deles para ver como os temas climáticos foram abordados anteriormente.

The screenshot shows the Media for Future website. At the top, there is a navigation menu with links for HOME, ABOUT, RESOURCES, EXPERTS, SEMINARS, COMMUNITY, and ENGLISH. Below the navigation is a large banner with the text "Find scientific expertise for climate reporting" and "Verified researchers and specialists available for interviews and background information". To the right of the banner is a video camera. Below the banner, there is a section with text: "This database helps journalists connect with qualified experts on climate and sustainability topics. Use the search bar or filter by expertise, language or country to identify researchers who match your story. All profiles include verified background information and interview availability. To safeguard personal data, we only display phone numbers and email addresses to registered members of the Community of Practice. Create a free account or log in to view contact details." To the right of this text is a registration form with the heading "Are you a scientist willing to share your expertise?" and a "Register" button.

Media for Future

Interagir com os cientistas

As alterações climáticas são um desafio contínuo e a investigação sobre todos os diferentes aspetos da questão também está em desenvolvimento. Não exija respostas definitivas dos cientistas. Em vez disso, atente nos seus relatórios e explicações. Trabalhe com eles para sintetizar a sua investigação num formato acessível a um público mais vasto.

Tenha cuidado ao atribuir eventos às alterações climáticas, uma vez que os fenómenos meteorológicos extremos têm múltiplas causas. Certifique-se de que compreende a ciência antes de a reportar.



Wolfgang Blau

RECURSOS ADICIONAIS:

- Ball, P. (2022). "Improving the engagement of scientists with the media"
- Communication Theory (s.d.), "Science Communication Explained with Examples"

Saúde mental

A cobertura jornalística sobre o clima pode ser desgastante a nível mental e emocional, mas existem recursos disponíveis. Ainda há relativamente poucos dados disponíveis sobre o impacto que a cobertura jornalística sobre o clima tem nos jornalistas, mas, segundo a **Reuters**, esse impacto pode ser semelhante ao da cobertura de conflitos.

A **Global Investigative Journalism Network** organizou um painel sobre o tema do jornalismo climático e a saúde mental, acompanhado por um [artigo](#). O **Reuters Institute** entrevistou **jornalistas climáticos** sobre como protegem a sua saúde mental no terreno.

Formar uma rede de apoio com outros repórteres ambientais pode validar as suas experiências. Esteja atento ao esgotamento – faça pausas e aprenda a dizer “não”. A terapia pode ajudar a desenvolver resiliência e outras competências emocionais.



Global Investigative Journalism Network

Segurança física e perigos potenciais

Um relatório da **UNESCO de 2024** revelou que 70% dos jornalistas ambientais foram alvo de agressões físicas, verbais, digitais ou legais devido ao seu trabalho. Estes casos aumentaram 42% entre 2019 e 2023, em comparação com o período de 2014 a 2018.

A UNESCO mantém um **Observatório de Jornalistas Assassinados**, que fornece estatísticas e dados sobre os assassinatos. No seu relatório de 2024 registaram que pelo menos 44 jornalistas que investigavam questões ambientais nos últimos 15 anos tinham sido assassinados.

Enquanto 70% dos jornalistas ambientais inquiridos afirmaram ter sofrido algum tipo de ataque, dois em cada cinco relataram ter sofrido violência física.

Fim da Secção 3

Secção 3: Lista de verificação dos resultados de aprendizagem

- Consultar um site de verificação de factos para um artigo sobre o clima.
- Desenvolver uma estratégia para responder aos negacionistas do clima.
- Criar um plano para o envolvimento da redação e do público no tema do clima.
- Estabelecer relações com cientistas e outros especialistas.
- Organize estratégias de acompanhamento e redes de apoio para si mesmo ao trabalhar em temas pesados.
- Estabelecer normas de segurança e limites de privacidade para se proteger no trabalho.

RECURSOS ADICIONAIS:

- Global Investigative Journalism Network (2025). “Climate Change Reporting and Mental Health”
- Reuters Institute (2025). “From despair to purpose: Six climate reporters on how to protect their mental health”

Secção 4: Recursos adicionais

Melhorar a literacia informacional

UNESCO

- A UNESCO desenvolveu [materiais de literacia informacional](#) e um [kit de ferramentas de formação](#) durante a pandemia da COVID-19 para combater o aumento da desinformação e da informação errada online.
- O guia [“Literacia mediática e informacional no jornalismo: um manual para jornalistas e formadores de jornalismo”](#) apresenta estratégias e políticas para integrar a literacia mediática e informacional nas práticas de reportagem.

Alguns dos princípios fundamentais do guia são:

- a. verdade assenta no trabalho dos jornalistas e do público;
 - b. combater as mentiras significa também lutar contra os preconceitos, os estereótipos e a estreiteza de espírito;
 - c. a credibilidade jornalística depende da ética, da honestidade e da responsabilização;
 - d. o jornalismo de qualidade requer a participação do público;
 - e. o jornalismo de qualidade tem de resistir a pressões externas (políticas, económicas, etc.) para reforçar os direitos das pessoas de forma equitativa.
- A UNESCO também defende o desenvolvimento do [conceito de “green media” e “literacia informacional”](#), que tem três objetivos principais:
 1. sensibilizar para a importância da verificação de factos e das fontes;
 2. fornecer às pessoas as ferramentas para aprenderem a verificar factos, a reconhecer a desinformação e a divulgar informações sobre a emergência climática de forma responsável;
 3. incentivar as pessoas a manterem-se informadas sobre a emergência climática e o que pode ser feito para a mitigar a diferentes níveis.

Métodos de narração e enquadramento

Climate Outreach

- O [website Climateoutreach.org](#) tem uma [publicação no blogue](#) dedicada especificamente a enquadrar artigos sobre a COP. Inclui três sugestões de enquadramento, seguidas de três enquadramentos que o autor sugere evitar.

The FrameWorks Institute

- Este grupo tem uma apresentação de slides sobre [a narrativa climática](#). As suas seis dicas para enquadrar histórias climáticas são:
 - a. mostre que a mudança é possível;
 - b. concentre-se no panorama geral e em como as pessoas podem contribuir para a mudança;
 - c. normalize a ação e a mudança;
 - d. relacione a saúde do planeta com a saúde das pessoas;
 - e. enfatize a nossa responsabilidade para com os jovens e as gerações futuras;
 - f. mantenha a sua mensagem direta e realista.

Constructive

- A Constructive é uma empresa de gestão de marcas que oferece [recursos](#) e dicas adicionais sobre como contar histórias sobre o clima numa perspetiva de marketing.

350.org

- Esta organização disponibiliza um [kit de ferramentas de narrativa digital](#) para quem pretende aperfeiçoar as suas competências. Abrange quatro tipos de narrativa digital: narrativa pessoal, narrativa de campanha, reportagem digital e narrativa comunitária.

Wolfgang Blau

- O jornalista Wolfgang Blau é cofundador da [Oxford Climate Journalism Network](#) e ministrou uma série de [palestras](#) sobre como reportar eficazmente sobre as alterações climáticas.



Fotografia de Julio Lopez no Unsplash

Praticando o jornalismo de soluções

Rede de Jornalismo de Soluções (Solutions Journalism Network – SJN)

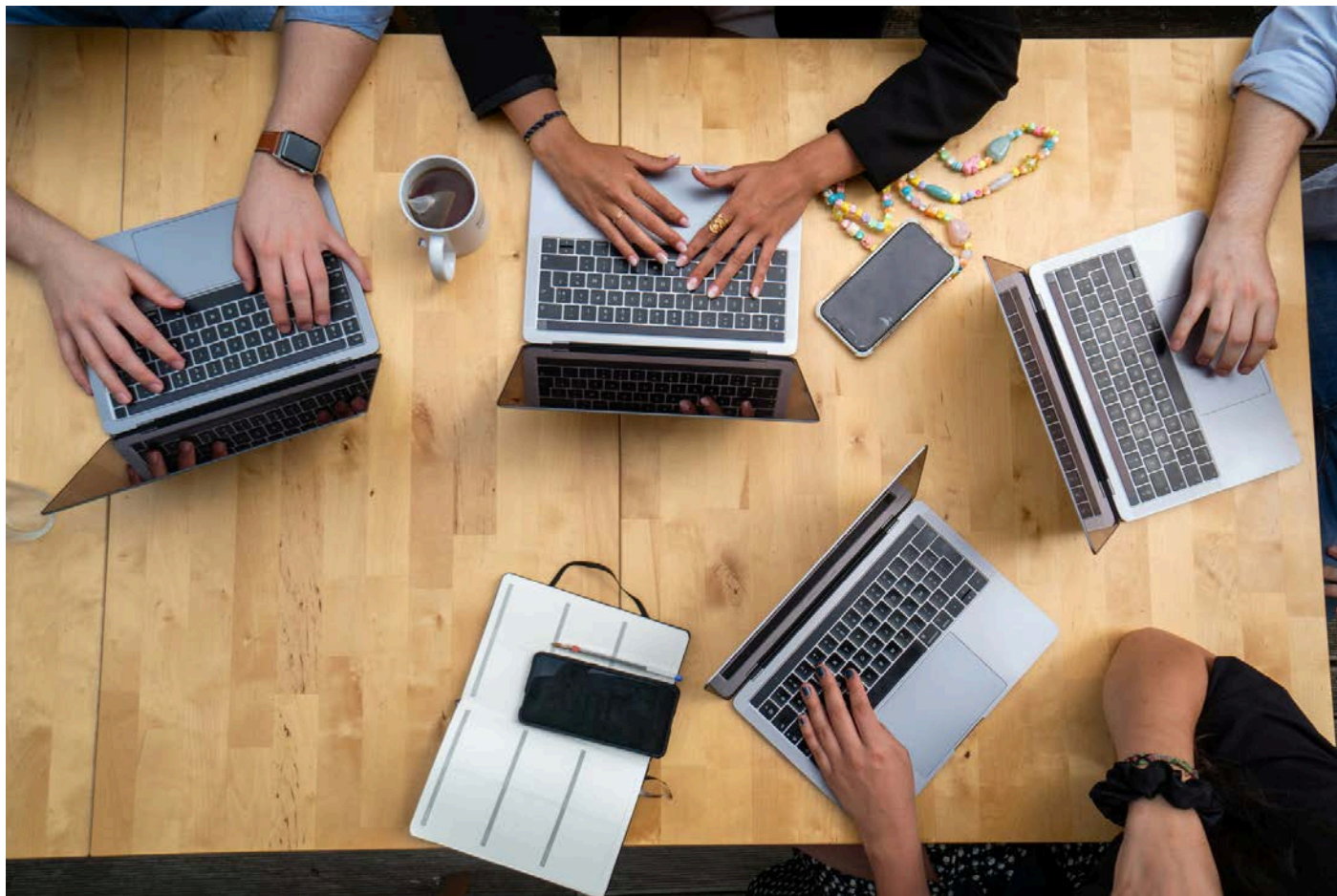
- A **SJN** oferece formação abrangente sobre reportagem de soluções, com um programa desenvolvido especificamente para **o jornalismo climático**. Dispõe de uma rede de pares sobre o clima, um grupo de soluções climáticas, uma iniciativa de redação, um programa de bolsas e um programa de negócios e sustentabilidade. Oferece também um webinar introdutório ao conceito de jornalismo de soluções, um kit de ferramentas e um **localizador de histórias de soluções** com uma base de dados que inclui artigos de 102 países. Organiza **eventos** de *networking* e educativos todos os meses.

350.org

- **O Hope Hub** é uma coleção de reportagens de jornalismo de soluções de todo o mundo. Este grupo também oferece **cursos *online* de aperfeiçoamento em defesa climática e recomendações de livros.**

The Local Storytelling Exchange

- Esta organização recolhe histórias de toda a Grã-Bretanha sobre a transição ecológica. Centra-se em histórias sobre indivíduos que estão a fazer a diferença nas suas comunidades e dá ênfase **ao jornalismo de soluções**. O seu *website* tem centenas de exemplos de artigos sobre o clima.



Fotografia de Louise Viallesoubranne no Unsplash

Fim da Secção 4

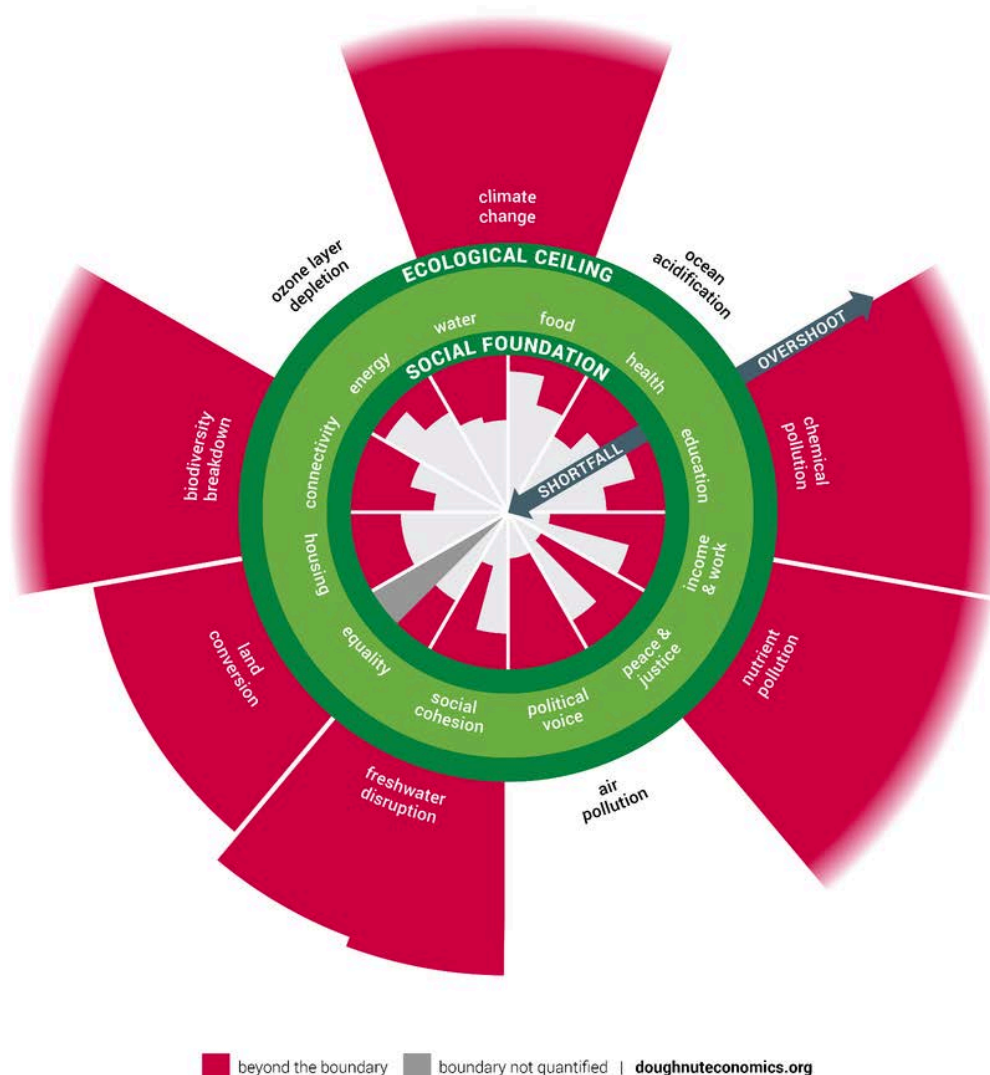
Secção 5: Glossário

- **Aerossóis:** partículas minúsculas, líquidas ou sólidas, compostas por poeira, esporos, pólen, sal, fumo, cinzas vulcânicas ou poluição de origem humana.
- **Antropogénico:** causado pelos seres humanos ou pelas suas atividades.
- **Atmosfera:** gases que envolvem o planeta. A atmosfera da Terra é uma mistura composta principalmente por nitrogénio e oxigénio, com quantidades menores de árgon e dióxido de carbono. Permite-nos respirar, bloqueia a radiação ultravioleta do Sol, retém o calor e estabiliza a temperatura média da Terra. As camadas da atmosfera incluem a troposfera (a mais próxima, onde ocorrem os fenómenos meteorológicos e se formam a maioria das nuvens), a estratosfera (correntes de jato, camada de ozono), a mesosfera (poucas moléculas, resultando em temperaturas mais frias e cor preta) e a termosfera (absorve a maior parte da radiação UV, quente). A exosfera marca a transição da nossa atmosfera para o espaço.
- **Biocombustíveis:** combustíveis criados a partir de material biológico (produtos vegetais ou animais), incluindo etanol e biodiesel.
- **Biomassa:** material orgânico proveniente de plantas e animais (vivos ou mortos), incluindo ervas, raízes de árvores e resíduos animais.
- **Biosfera:** compreende toda a vida na Terra, incluindo organismos em decomposição, e todas as partes do sistema terrestre que contêm vida (atmosfera, hidrosfera, geosfera).
- **Camada de ozono:** camada de gás ozono na atmosfera terrestre que absorve 97 a 99% da radiação ultravioleta do Sol. As emissões humanas causaram buracos na camada de ozono, mas tem-se registado algum progresso na recuperação devido a regulamentações sobre substâncias que empobrecem a camada de ozono (a começar pelo **Protocolo de Montreal**).
- **Capacidade de adaptação:** capacidade de um sistema se adaptar às alterações climáticas e continuar a funcionar.
- **Captura e armazenamento de carbono:** tecnologia que captura dióxido de carbono e o injeta no subsolo, em formações rochosas.
- **Ciclo biogeoquímico:** processo através do qual os elementos e compostos circulam entre os organismos, a atmosfera e a biosfera.
- **Ciclo do carbono:** forma como o carbono se move através dos sistemas da Terra, com percursos pela atmosfera, pela biosfera terrestre, pelos oceanos, pelos combustíveis fósseis, pelas rochas e sedimentos e pelos organismos vivos, para manter o equilíbrio de carbono do planeta.
- **Clima:** condições atmosféricas de curto prazo medidas através da temperatura, precipitação, vento, humidade e nebulosidade.



Fotografia de Bill Mead no Unsplash

- **Combustíveis fósseis:** combustíveis não renováveis (carvão, gás natural e petróleo) formados a partir de matéria orgânica morta que foi submetida a pressão e sobreaquecimento durante centenas de milhões de anos.
- **Dupla materialidade:** avaliação de sustentabilidade exigida pela Diretiva Europeia sobre Sustentabilidade Empresarial. Exige que as empresas apresentem relatórios sobre a materialidade financeira (como uma empresa é afetada pela sustentabilidade) e a materialidade do impacto (como uma empresa afeta a sociedade e o ambiente).
- **Desinformação:** Informação incorreta apresentada como factos/notícias, criada e divulgada por engano.
- **Economia circular:** sistema económico que reduz o desperdício e prolonga a vida útil dos produtos através da reutilização, reparação, partilha e reciclagem de artigos.
- **Economia do donut:** quadro conceptual desenvolvido pela economista Kate Raworth que delinea o objetivo do século XXI de satisfazer as necessidades de todas as pessoas dentro dos limites da Terra.

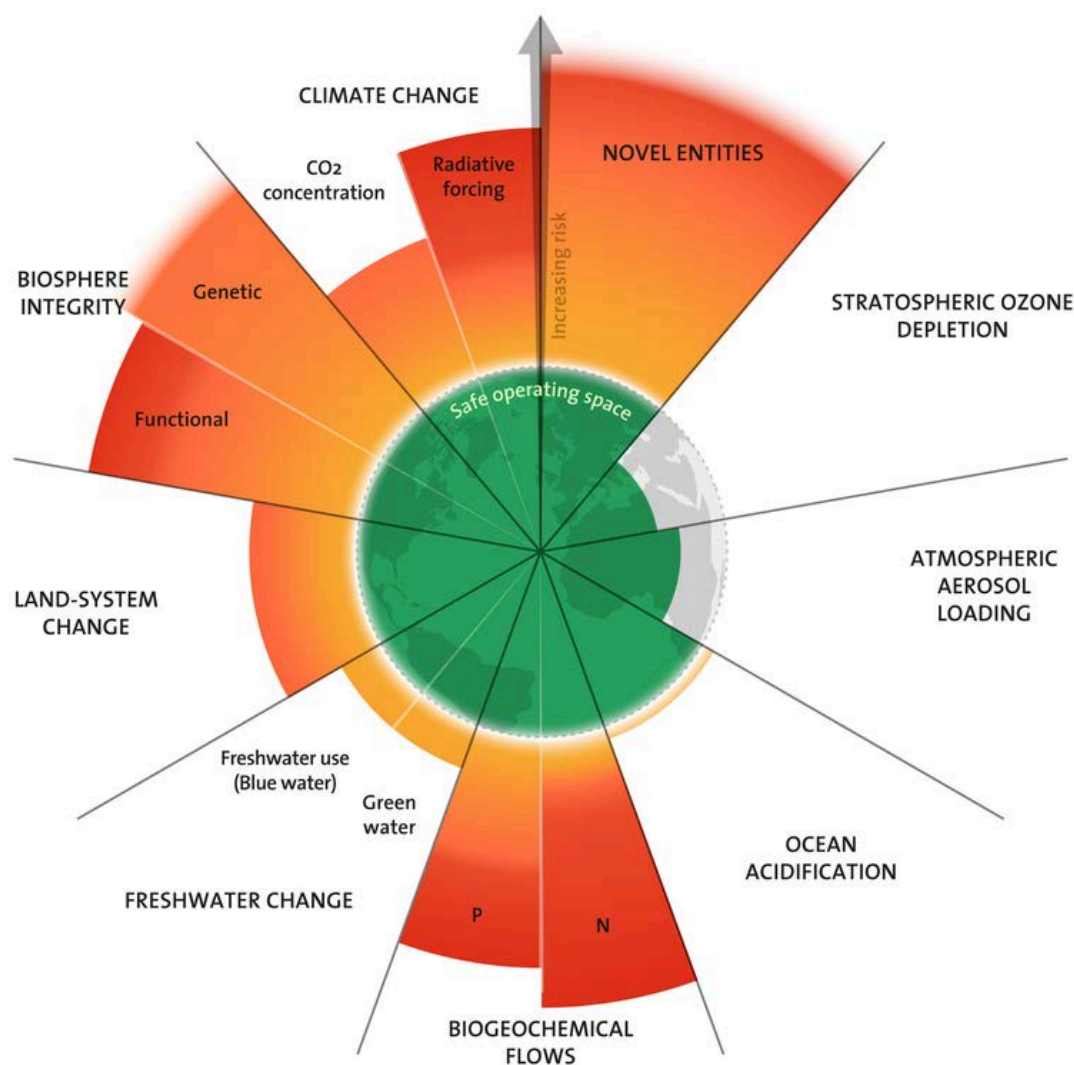


- **Ecossistema:** ambiente natural dentro de uma área geográfica que é composto por organismos vivos (plantas e animais) e materiais não vivos (solo, clima, água).
- **Efeito de estufa:** quando gases como o dióxido de carbono e o metano retêm o calor do sol na nossa atmosfera. A atividade humana, incluindo a utilização de combustíveis fósseis, adiciona gases de efeito de estufa à atmosfera, causando o aquecimento global (ou o aumento da temperatura média da Terra).
- **Efeito de ilha de calor urbana:** quando as cidades registam temperaturas mais elevadas do que as zonas mais rurais, devido ao facto de o betão, os edifícios e outras infraestruturas absorverem mais energia solar do que uma paisagem natural com vegetação.

Donuteconomics.org

- **Emissão:** substância libertada para a atmosfera, que pode ser de origem natural ou antropogénica.
- **Empregos verdes:** empregos que contribuem para a preservação ou restauração do ambiente, melhorando a eficiência energética e das matérias-primas, limitando as emissões de gases com efeito de estufa, minimizando os resíduos e a poluição e apoiando a adaptação às alterações climáticas.
- **Energia alternativa:** energia obtida a partir de fontes não tradicionais (solar, eólica, etc.).
- **Energia limpa:** energia que não produz diretamente emissões de gases com efeito de estufa (por exemplo, eólica, solar).
- **Enquadramento:** forma como a informação é apresentada a um público e organizada num artigo. Normalmente feito através do destaque ou da minimização de aspetos específicos de uma entrevista ou notícia.
- **Equidade:** imparcialidade e justiça em todos os tipos de tratamento, independentemente da raça, género, orientação sexual, nacionalidade ou outras formas de identidade.

- **Expansão térmica:** aumento de volume resultante do aquecimento da água.
- **Fenologia:** estudo de como os ciclos de vida das plantas e dos animais são afetados pelo clima e pelo tempo, especialmente no que diz respeito ao calendário.
- **Gás de efeito de estufa:** gás atmosférico que absorve e reemite radiação sob a forma de calor, como o dióxido de carbono, o metano ou o óxido nítrico. Embora estes gases ocorram naturalmente, a intervenção humana está a libertar uma quantidade problemática dos mesmos para a atmosfera.
- **Humidade:** quantidade de vapor de água no ar num determinado momento.
- **Interseccionalidade:** modos como as diferentes formas de discriminação (racismo, sexismo, classismo, etc.) se cruzam e afetam as experiências das pessoas marginalizadas.
- **Justiça ambiental:** distribuição equitativa dos benefícios e encargos ambientais que garante que todas as pessoas tenham acesso a um ambiente saudável.
- **Limites planetários:** quadro de nove processos interdependentes que contribuem para a estabilidade e habitabilidade da Terra, os quais são afetados pela atividade humana.



“Planetary boundaries.”
Azote for Stockholm Resilience Centre,
baseado em Sakschewski and Caesar
et al. (2025).

- **Linguagem acessível:** comunicação compreensível para pessoas que falam línguas diferentes e/ou têm níveis distintos de proficiência linguística.
- **Literacia informacional:** capacidade de saber quando a informação é necessária e como localizar, avaliar e utilizar essa informação de forma eficaz. O conhecimento para compreender a construção da autoridade e potenciais preconceitos ou intenções comerciais, como utilizar a informação de forma ética e como citar e recorrer à informação para criar novos materiais.
- **Mitigação climática:** medidas tomadas para reduzir, remover ou impedir a libertação de gases com efeito de estufa, a fim de limitar o aquecimento global.

- **Neutralidade climática:** obtenção de emissões líquidas nulas através do equilíbrio entre as emissões removidas da atmosfera e as emissões libertadas para a atmosfera.
- **Neutralidade de temperatura do metano:** uma abordagem à definição de metas climáticas em que um país não contribuiria para «nenhum aquecimento adicional», deslocando o foco das emissões globais para o impacto na temperatura global. Isto permitiria que países como a Irlanda, com grandes quantidades de exportações de carne de vaca e laticínios, reduzissem as emissões de metano enquanto continuavam a emitir outros gases com efeito de estufa.
- **Notícias falsas:** informação incorreta criada e divulgada deliberadamente, com o conhecimento de que é falsa.
- **Orçamento de carbono:** quantidade total de emissões de CO₂ permitidas para manter um limiar de temperatura específico. A Comissão Europeia utiliza um sistema de orçamento verde, o que significa que aos seus países são atribuídos diferentes orçamentos de carbono, com consequências caso esses orçamentos sejam excedidos.
- **Pegada de carbono:** termo inventado pelas empresas de combustíveis fósseis para descrever a quantidade de emissões de gases com efeito de estufa de uma pessoa, um agregado familiar ou uma organização.



Fotografia de Tim Mossholder no Unsplash

- **Racismo ambiental:** “qualquer política, prática ou diretiva que afete ou prejudique de forma diferenciada (intencionalmente ou não) indivíduos, grupos ou comunidades com base na raça”, segundo o sociólogo Robert Bullard.
- **Resiliência:** capacidade de se adaptar e recuperar dos impactos das alterações climáticas, evitando simultaneamente que estas se agravem.
- **Revolução Industrial:** período de avanços tecnológicos que transformou a produção de bens, passando de ser principalmente artesanal para ser principalmente fabricada por máquinas. Começou na Grã-Bretanha no século XVIII e espalhou-se por todo o mundo, resultando em maiores concentrações de gases de efeito estufa e no aumento do uso de combustíveis fósseis.
- **Sequestro de carbono:** armazenamento a longo prazo de carbono, que ocorre naturalmente através de plantas, solos, formações geológicas e do oceano, ou por intervenção humana através da captura e armazenamento de carbono.
- **Sumidouro:** sistema natural ou artificial que absorve gases com efeito de estufa ou aerossóis da atmosfera.
- **Vapor de água:** estado gasoso da água na atmosfera.

Financiado pela União Europeia. As opiniões e pontos de vista aqui expressos são, no entanto, da exclusiva responsabilidade do(s) autor(es) e não refletem necessariamente os da União Europeia ou da Agência Nacional Erasmus+ Educação e Formação. Nem a União Europeia nem a entidade financiadora podem ser responsabilizadas por eles.

Este trabalho está licenciado sob uma [Licença Creative Commons Atribuição-Compartilhamento pela mesma licença 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/)



Attribution-ShareAlike 4.0 International
(CC BY-SA 4.0)